

# | 45 | AS TRANSFORMAÇÕES NAS ÁREAS CENTRAIS TRADICIONAIS DA METRÓPOLE

*Glória da Anunciação Alves*

## **Resumo**

Ao se falar em área centro tradicional é comum, principalmente nos meios de comunicação (jornal, TV, internet), ressaltar algumas características negativas do espaço em questão com a utilização de termos como degradação, deterioração, marginalidade, perigo, abandono, esvaziamento populacional e econômico. Destacadas essas qualidades (ou desqualificações) em seguida tem-se a palavra de ordem da necessidade de transformação desse espaço e novos termos como requalificação, revitalização, regeneração são utilizados, agora num sentido positivo, articulados a projetos de transformação espacial<sup>1</sup>. Mas o que indicam os projetos que, ainda que locais, têm semelhanças e pontos em comum com as transformações das áreas centrais tradicionais de várias cidades europeias, norte e latino americanas? Quais as implicações dessas transformações nas relações espaciais que, pela particularidade local tem implicações e consequências sociais muito diferenciadas, é o que procuraremos aqui desenvolver, tomando por referência a metrópole de São Paulo.

**Palavras-chave:** transformações espaciais, segregação espacial, metrópole, centros tradicionais.

## **Introdução**

Temos na sociedade capitalista e em especial nas chamadas cidades mundiais (Sassen, 1998) ou cidades-regiões globais (SCOTT, 2001) um período marcado pela revolução produtiva (do fordismo para a acumulação flexível) e tecnológica (comunicacional, informacional e produtiva), flexibilidade (produtiva, das relações de trabalho) e mobilidade (do capital, de mercadorias e de pessoas).

Trata-se, segundo vários autores (Harvey, 2011; Mongin, 2008), da prevalência dos fluxos de todas as ordens (tecnologias, informação, comunicação, imagens, riquezas, populações, finanças) sobre os lugares, da preponderância do privado sobre o público e do individual sobre o coletivo. Enquanto tendência mundial, essas características são manifestas intensamente nas cidades metropolitanas onde o tempo parece escasso (principalmente o ligado ao ócio) convertido em relações que

---

<sup>1</sup> Por transformação espacial entendo as modificações sociais que se manifestam e transformam e são também transformadas nas relações espaciais, pois o espaço é, segundo CARLOS condição, meio e produto social (CARLOS, 2001).

possibilitam a geração de dinheiro, convertendo-se na máxima popular “tempo é dinheiro”.

Seguindo a lógica da produção da tecnologia informacional, em que hardware e software tornam-se obsoletos em um tempo cada vez menor, exigindo a substituição material dos mesmos para garantir a inserção, produção e competitividade capitalista, com a produção espacial temos um processo semelhante, embora as possibilidades e custos da transformação espacial não acompanhem tal rapidez, pois seu processo de constituição é contraditório, desigual e só pode ser entendido a partir das relações com outros espaços.

Mundialmente há um processo de transformação dos centros tradicionais. Mas por que desse processo em escala mundial? Por que os chamados centros tradicionais passam por processos parecidos de transformação espacial?

### **Transformação do espaço: um processo histórico**

Se tomarmos um caso nacional (a cidade de São Paulo), temos que até os anos 50 tínhamos uma centralidade única, o Centro de São Paulo, hoje também denominado por centro tradicional e histórico da cidade. Essa característica de centro único só pode ser entendida na relação com os outros espaços da cidade da época.

Tomando textos clássicos sobre o assunto, segundo Müller<sup>2</sup>, já em 1958 o centro tradicional era o “coração da cidade”. Nele se concentravam as atividades sociais (econômicas, políticas, culturais e financeiras). O capital aí se acumulava exigindo a transformação espacial.

Azevedo (1961) indica que essa concentração faz parte de um processo histórico cujas marcas estão no século XIX quando a cidade, a partir da economia do café, cresce econômica e culturalmente: a criação da Academia de Direito, a multiplicação de repúblicas de estudantes de direito no centro da cidade, o encontro dos mesmos nas tavernas para diversão e discussões, a introdução de novas modas de vestuário e hábitos, dão uma nova função à cidade, a cultural, a ponto de Azevedo (1961:28) chamá-la de “cidade dos estudantes”. Como 80% dos futuros bacharéis de direito vinham de outras províncias do Império, a capital paulista conhece o

---

<sup>2</sup> Segundo Müller (1958), no coração da cidade estavam presentes e concentradas as funções comerciais, de serviços (advocacia, médica, educacional) e havia ainda a existência de pequenas indústrias. Segundo a autora, a função residencial não fazia parte das atribuições desse centro, ficando essa função para as áreas do entorno e periféricas ao centro.

“cosmopolitismo brasileiro” (Azevedo,1961:29), mas é com a economia do café, com a revolução dos transportes (desenvolvimento ferroviário) , a imigração e o desenvolvimento industrial que efetivamente a cidade adquire as características de metrópole industrial já nos anos 40.

Entretanto essa área que concentrava a produção econômica, industrial, cultural e comercial da cidade só pode ser entendida na relação com as outras áreas chamadas, na obra “A cidade de São Paulo<sup>3</sup>”, de subúrbios de São Paulo. Os subúrbios de São Paulo eram áreas onde ainda se encontravam características do modo de vida rural, mas que elementos da vida urbana se faziam presentes pelas relações, principalmente de trabalho e troca de mercadorias e serviços, que se estabeleciam entre esses espaços e a área central da cidade. A partir da expansão da cidade, muitos desses espaços foram incorporados institucionalmente a ela, e outros, como Mogi das Cruzes, Osasco, se constituíram como municípios autônomos, mas que estão ligados ao centro da metrópole paulista, a cidade de São Paulo.

Mas quais os processos que levam uma área, o centro, que era o coração da cidade a se tornar, segundo a mídia, uma área decadente “degradada”, esvaziada, perigosa?

O centro da cidade concentrava as atividades econômicas, políticas, religiosas e culturais, ou seja, era o espaço privilegiado das relações sociais e favorecia a reprodução do capital. Mas essa concentração, que por sua vez faz com que haja um grande fluxo populacional diário, acarretou em aumento dos preços dos imóveis e dos aluguéis, bem como fez com que a velocidade do fluxo de mercadorias e pessoas fosse diminuída, por causa dos congestionamentos. No mundo, nos anos 70, vivia-se a crise do fordismo e a saída, para parte das grandes empresas multinacionais, foi a intensificação da instalação de multinacionais em outros estados como, por exemplo, no Brasil e nele, em especial , na metrópole paulista. O aumento de possibilidades de emprego na cidade de São Paulo promoveu maior concentração populacional. A impossibilidade de moradia no centro por causa de seus valores e de espaço físico para tal, associado a um processo de especulação imobiliária fez com que as periferias<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> A obra “A cidade de São Paulo”, editada em quatro volumes pela AGB/Companhia nacional em 1958, foi coordenada por Aroldo de Azevedo. É resultado do trabalho de pesquisa dos professores da época, do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

<sup>4</sup> A partir dos anos 60 temos na cidade de São Paulo o crescimento das periferias, entendidas, naquele momento, segundo LANGENBUCH (2001: 89), como porções “(...) de qualquer aglomeração urbana, não necessariamente grande, localizadas via de regra em porção próxima aos limites externos da área edificada, onde predomina a ocupação residencial pelas camadas pobres da população, estabelecida aí de modo bastante precário (...) é comum haver uma elevada densidade demográfica...”.

crescessem a partir da autoconstrução e dos loteamentos não regularizados. A centralidade explodiu e expandem-se as centralidades a partir de subcentros<sup>5</sup> e novas centralidades<sup>6</sup>. Essa explosão, ao mesmo tempo e contraditoriamente, em que parece implodir a centralidade única e colocar os “centros” que surgem numa relação em que há competição entre os agentes econômicos, propicia também a articulação contraditória entre os mesmos de modo a garantir a reprodução do capital.

O surgimento dessas centralidades promove o deslocamento de parte de atividades que antes só existiam na área central. Ainda que tenha se intensificado a partir dos anos 90, esse processo não é novo. Ele já havia sido estudado por CORDEIRO (1980) quando esta autora analisou o desdobramento da centralidade para a região da Av. Paulista nos anos 70. Assim, ele continua hoje a se manifestar, com novas características, seguindo o eixo sudoeste das avenidas Berrini- Faria Lima (CARLOS,2001).

O deslocamento de atividades, principalmente as relacionadas com o terciário avançado, está ligado à articulação de elementos que envolvem processos mais gerais (desenvolvimento tecnológico, necessidade do aumento da velocidade e fluidez, desenvolvimento do capital imobiliário e financeiro) e espaciais locais. O ritmo de desenvolvimento capitalista se acelerou e as mudanças ocorrem de modo cada vez mais rápido. As formas espaciais construídas em meados do século XX que possibilitaram o desenvolvimento da época, tornam-se uma dificuldade para o desenvolvimento produtivo. Os grandes edifícios da área central, outrora monumentos da modernidade, não favorecem a instalação de cabos de fibra ótica e de circulação de ar central. Além disso, de acordo com o discurso propagado pelo setor imobiliário, sua localização impede o rápido acesso devido aos congestionamentos existentes e as limitações de acesso por automóveis pelos calçadões - áreas exclusivas para pedestres. Assim o movimento de desqualificação dessa área impulsiona a expansão urbana para outros locais. Além disso, esse processo tende a rebaixar, momentaneamente, os preços dos imóveis na área central.

Esse movimento é contraditório, pois nessa área existe um patrimônio edificado e parte dele é de propriedade privada. Trata-se da valorização/desvalorização espacial em todos os sentidos. A depreciação dessa área

---

<sup>5</sup> Os sub-centros contêm serviços e atividades que respondem ao desenvolvimento produtivo e a parte dos anseios e necessidades da população.

<sup>6</sup> Novas centralidades em geral são funcionais e mais especializadas em determinados tipos de consumo e serviços.

não se dá apenas por uma questão material, mas também social. A popularização da área, com mais de um milhão<sup>7</sup> de pessoas diariamente cruzando o centro, sendo grande o número de pessoas de baixa renda, além dos mendigos e população de rua, “desqualificam” a área provocando medo em outros transeuntes. Como disse Chauí (1989:136), a cidadania se apresenta no Brasil ainda como um privilégio de classe. Há tratamento diferenciado, no cotidiano, entre os que são identificados como pertencentes a uma classe ou outra. O predomínio e a quantidade de pessoas de classes menos favorecidas economicamente em determinados espaços acaba por conferir aos mesmos a qualificação de perigosos, justamente porque ainda se associa a criminalidade basicamente ao pobre. Deste modo, quando se fala em requalificar, regenerar, revitalizar, as transformações espaciais são essencialmente sociais.

### **As requalificações das áreas centrais**

Esse movimento de requalificação de áreas centrais é mundial. Têm-se exemplos desse processo em cidades americanas- Baltimore (HARVEY, 1992), europeias- Barcelona (CAPEL, 2005; GARCIA, 2001), brasileiras- São Paulo (ARANTES, 2002, Vaz, 2009, Alves, 2010). Ainda que haja particularidades, há em comum a questão da degradação, desqualificação de um lado e a saída para isso com a requalificação, revitalização renovação urbana aparecem sempre nas justificativas dos projetos de transformação espacial das áreas.

Arantes *et alli* (2002) bem como GARCIA(2001) ressaltam como nos mais variados projetos de transformação das áreas centrais a cultura hoje aparece como um elemento chave no processo. No que se refere às essas áreas a manutenção das formas das edificações é em geral associada, por exemplo, ao uso do turismo histórico das cidades. Mas nem tudo e nem todas as áreas consideradas como degradadas podem e têm os elementos considerados essenciais para serem preservados, segundo a lógica de preservação pautada no patrimonialismo histórico. Em São Paulo, na área central temos hoje duas formas de transformação do espaço simultâneas, ainda que seguindo estratégias diferenciadas. De um lado existe a manutenção de espaços considerados patrimônio público, que servem à sociedade, tem sua forma mantida ainda que a função esteja mudada, como é o caso da Sala São Paulo. De outro, um processo

---

<sup>7</sup> Segundo o site <http://www.visitesaopaulo.com/> e <http://www.rotagourmet.com.br/portal/>, mais de um milhão pessoas cruzam o Viaduto do Chá, diariamente. Acessos em 20/08/2012.

denominado de arrasa-quarteirão na área próxima conhecida por Cracolândia<sup>8</sup>, já parcialmente “limpa” com a derrubada dos imóveis<sup>9</sup> de vários dos quarteirões.

A transformação a partir da limpeza física (com a derrubada das edificações) e social (com a retirada da população de baixa renda e dos usuários de drogas) da área se justifica a partir do consenso criado e aceito de que espaços como esse, da área central, que faz divisa com a Sala São Paulo, estavam degradados, eram perigosos e precisavam ser mudados, reurbanizados ou regenerados. Essa transformação está sendo feita a partir do Instrumento legal denominado de Concessão Urbanística, que permite a partir de um contrato administrativo, que a iniciativa privada possa investir em uma área, transformando-a de acordo com seus interesses, desde que cumpram os objetivos, diretrizes e prioridades existentes no Plano Diretor da cidade<sup>10</sup>. Vale ressaltar que até a indenização para as desapropriações ficam a cargo das concessionárias, que tendem a colocar os preços dos terrenos e/ou edifícios abaixo dos preços de mercado<sup>11</sup>.

A dimensão cultural, na qual o discurso de transformação da cidade também se apoia, tem ajudado, segundo Arantes (2001: 39), na construção da cidade-empresa-cultura. No rol de atividades temos desde o uso dos monumentos históricos para o turismo de cidade, até a criação de megaeventos, que possibilitam a articulação entre os agentes locais e externos para a construção de consensos sociais que permitem grandes e, muitas vezes, radicais transformações em grandes espaços das cidades. Exemplo disso são as Olimpíadas, no caso da América dos Jogos Panamericanos, a Copa do Mundo de Futebol, na Europa da Eurocopa (futebol) e as Expo (Exposições Mundiais), ou seja eventos tanto ligados ao esporte como à difusão de conhecimento.

Ainda que megaeventos esportivos não tenham acontecido em São Paulo<sup>12</sup>, como as Olimpíadas ou Jogos Panamericanos que vêm promovendo nas cidades onde

---

<sup>8</sup> Para análise desse processo ver: VAZ, A. **O projeto Nova Luz e a renovação urbana da Região da Luz**. São Paulo, FFLCH, 2009. Dissertação de mestrado. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-03022010-150953/pt-br.php>.

<sup>9</sup> Em todas as reportagens sempre se afirma que os imóveis derrubados serviam de abrigo para usuários de drogas. Isso justifica a ação para a maior parte da opinião pública, mesmo quando os moradores não sejam usuários de drogas, como mostra o trabalho de VAZ, 2009.

<sup>10</sup> Lei 14.917 de 09/05/2009. Prefeitura do Municipal da cidade de São Paulo

<sup>11</sup> Art. 238, 2º da Lei 14.917 de 09/05/2009. A empresa concessionária ficará responsável pelo pagamento das indenizações devidas em decorrência das desapropriações e pela aquisição dos imóveis que forem necessários à realização das obras concedidas, (...) cabendo-lhe também a elaboração dos respectivos projetos básico e executivo, o gerenciamento e a execução das obras objeto da concessão urbanística.

<sup>12</sup> Em 2014 acontecerá no Brasil a copa do Mundo de Futebol. Em São Paulo a zona leste da cidade e mais especificamente o bairro de Itaquera (área considerada periférica da cidade) está passando por grandes transformações pois está sendo ai construído o Estádio de futebol no qual se realizarão algumas das partidas do evento, mas que não discutiremos neste artigo.

se realizam grandes transformações espaciais (Barcelona, Pequim, Londres – Olimpíadas e Guadalajara e Rio de Janeiro – Jogos Panamericanos), a lógica das transformações na cidade, e em especial na área central, parece a mesma inclusive com a utilização de discurso similar, em que as palavras de ordem são as da produção econômica: flexibilidade, rapidez, sustentabilidade urbana e espaços ecologicamente corretos.

### **As ênfases presentes nos atuais projetos de requalificação urbana**

Se nos anos 90 (séc. XX) a transformação de Barcelona, num processo<sup>13</sup> que se constituiu desde os anos 80 e culminou com a Olimpíada de 92, serviu de “modelo” (sendo referência para os projetos de requalificação) às transformações espaciais principalmente na América latina<sup>14</sup>. Hoje, as transformações ocorridas na cidade de Londres para a realização das Olimpíadas de 2012 é que se colocam, enquanto tendência, como a nova referência às transformações espaciais. Mas quais são as orientações que já estavam em andamento (enquanto proposições gerais) e que acabaram por se configurar enquanto proposta no Projeto de transformação da cidade de Londres para a realização dos Jogos Olímpicos?

Primeiramente as transformações, ainda que tenham impactos sobre toda a cidade, se realizaram em uma área tida como decadente, no caso *Lower Lea Valley*, uma antiga região industrial transformada em depósito de lixo industrial, com solo contaminado com resíduos tóxicos, habitada por uma população carente (são grandes os índices de desemprego), sem infraestrutura social (hospitais, poucas escolas, estações de transporte público) e também (visto como um grande problema), uma grande diversidade étnica.

---

<sup>13</sup> O chamado “modelo Barcelona” é resultado de um processo iniciado com a redemocratização da Espanha no final dos anos 70. Inicialmente, com a chegada ao poder municipal do partido socialista, o projeto de transformação espacial estava pautado em ações pontuais, principalmente com a criação de espaços públicos que foram sendo apropriados pela população: jardins, escolas, parques públicos, melhorias na infraestrutura de transportes públicos, em resposta às reivindicações das Associações de vizinhos. Além disso, houve uma preocupação em monumentalizar as periferias, com a colocação de obras de arte de artistas catalães nos parques públicos. Com a escolha de Barcelona para sede dos Jogos Olímpicos de 1992, há uma mudança do projeto e grandes obras de requalificação do porto de Barcelona bem como grandes construções viárias e de equipamentos para as Olimpíadas passam a ser privilegiados. Deve-se ressaltar que embora boa parte dos recursos necessários às transformações espaciais tenham sido públicos, nos documentos sempre se destacava a possibilidade de parcerias público-privadas- as PPPs.

<sup>14</sup> Podemos destacar Puerto Madero em Buenos Aires (Argentina), Eixo Tamanduateí em Santo André (Pinto, 2008)

As Olimpíadas serviram de álibi, ajudando na construção do consenso social para a aceitação do projeto em busca da transformação dessa área , com a criação de estruturas para os Jogos (Arenas para as competições, vila olímpica, infraestrutura de transportes- estações de trem e metrô- com investimentos predominantemente públicos), e do shopping center Westfield<sup>15</sup> (investimento privado) o que indica que a regeneração desse espaço conseguiu atrair investimentos particulares ao local<sup>16</sup>.

A reestruturação dessa área pode, na concepção do projeto, promover a atração de novos moradores, em especial de médio e alto poder aquisitivo. Cerca de 3000 apartamentos foram construídos na Vila Olímpica para abrigar os atletas que foram às Olimpíadas. Pretende-se uma mudança do perfil da população da área já que apenas 635<sup>17</sup> apartamentos serão postos à disposição da população a preços subsidiados, sendo que todos os outros serão comercializados a preços de mercado. Isso indica a construção de um processo de higienização espacial (física e social): física pois a área foi descontaminada; social pois existe a tendência a uma homogeneização social com a retirada da população de mais baixa renda.

Até aqui temos uma continuidade de estratégias que já apareciam nas requalificações da década passada, mas há alguns elementos novos que passam a fazer parte de um discurso tido como politicamente correto- é a questão ambiental que é apresentada a partir das seguintes expressões: sustentabilidade, flexibilidade, “pegada” ambiental.

A requalificação de *Lower Lea Valley* em Londres aparece como um exemplo de sustentabilidade ambiental, preocupação com o meio ambiente e com os recursos utilizados na construção dos equipamentos. Além da descontaminação do solo, segundo a organização responsável pela realização do evento, durante os jogos, a “pegada” de carbono é mensurada e projetos de compensação ambiental foram elaborados. Além disso, para que não haja desperdício (de materiais e capital) com a criação de estruturas fixas no evento que podem se tornar elefantes brancos como os estádios de futebol construídos na África do Sul (Copa de 2010), ou os construídos em Portugal para os Jogos da Eurocopa (2004), parte das instalações (arenas) da Olimpíada foram temporárias, ou seja, a estrutura pode ser desmontável (parcial ou definitivamente) e usadas em outros locais. É a flexibilização espacial.

---

<sup>16</sup> Segundo informações obtidas em <http://www.blogdasppps.com/2012/04/londres-2012-as-transformacoes-para-os.html> os investimentos foram em torno de 1,5 bilhões de libras.

<sup>17</sup> Fonte: <http://placar.abril.com.br/bastidores/olimpiadas/noticias/apartamentos-da-vila-olimpica-de-londres-comecam-a-ser-mobiliados.html> acesso em 27/07/2012.

Metaforicamente, a rigidez espacial estaria solucionada pela flexibilização/versatilidade das formas.

Essa articulação de versatilidade, racionalidade no uso de materiais, sustentabilidade ambiental, presente no discurso de transformação de uma área tida como decadente em Londres e que vem sendo construído desde a candidatura da cidade de Londres como sede das Olimpíadas, já está presente nos documentos oficiais urbanísticos da cidade de São Paulo – “Projeto SP 2040: a cidade que queremos” e nas transformações do projeto Nova Luz, em curso.

No projeto Nova Luz, a requalificação desse espaço prevê a ampliação das áreas verdes, inclusive com a criação de um corredor verde<sup>18</sup>. Essa iniciativa permitiria ou atrairia a instalação de bares, restaurantes e demais espaços de entretenimento, promovendo uma mudança- de área degradada para área de encontro, atração de “novos moradores, empreendedores, frequentadores”<sup>19</sup>. É a questão ambiental articulada à cultural para garantir uma mudança espacial na área, buscando a substituição da população que aí usava esse espaço<sup>20</sup> por outra que permita a reprodução ampliada do capital.

Anunciado em dezembro de 2010 pela imprensa do Município de São Paulo, o SP 2040- A cidade que queremos aparece como uma proposta de, a partir do estudo da cidade, desenvolver ações em cinco eixos estruturadores: coesão social, desenvolvimento urbano, melhoria ambiental, mobilidade e oportunidade de negócios.

No documento oficial divulgado<sup>21</sup>, o discurso é de participação democrática, com debates e oferecimento de oficinas relacionadas aos eixos estruturadores, mas como mostra Fioravanti (2012) a “democratização” e a “participação” nessa proposta pode ser muito questionada, já que efetivamente é uma parcela específica da população que participa dos fóruns abertos pela prefeitura, mantendo a condição de cidadania como privilégio de classe já mencionada por Chauí (1989).

## Considerações finais

---

<sup>18</sup> Seria um corredor “verde” na região central, começando nos jardins do Museu de Arte Sacra, seguindo pelo Parque da Luz, pelo novo Complexo, até chegar à Praça Princesa Isabel.

<sup>19</sup> [http://www.novaluzsp.com.br/imprensa\\_midia.asp](http://www.novaluzsp.com.br/imprensa_midia.asp)- 17/11/2011.

<sup>20</sup> Muitas vezes no limite da reprodução física da vida.

<sup>21</sup> SP2040 disponível in <http://sp2040.net.br/> acessado em 27/07/12.

Partindo da perspectiva local, as transformações da cidade de São Paulo, mais especificamente o processo de requalificação da área central, buscamos levantar o debate em torno das implicações sócio-espaciais presentes nesse processo.

Pusemos em relevo que esse processo, que se dá efetivamente nessa localidade, o centro da cidade de São Paulo, só pode ser explicitado a partir das relações socioespaciais que se dão a partir da articulação com outras escalas geográficas, a saber: local-global.

Vale destacar a importância da cultura nesse processo de transformação espacial, a partir da realização de grandes eventos culturais (Fóruns Mundiais, Olimpíadas, Copa do Mundo, Jogos Panamericanos, Exposições Mundiais). Esses, exigem grandes intervenções espaciais que são anunciadas como projetos de requalificação de áreas tidas como “degradadas”, o que possibilita a geração de consensos sociais sobre as necessárias ações, minimizando a resistência social ao processo.

Trata-se de um algo em movimento. Se no final do século XX as propostas de transformação e requalificação da área central tinham como referência teórico/prática, o chamado “modelo Barcelona” (CAPEL, 2005), que foi divulgado como um referencial internacional que deu certo, tornando-se referência para as requalificações de várias cidades no mundo e brasileiras, hoje temos mais uma referência internacional que, em suas bases, põe em relevo questões ligadas à sustentabilidade ambiental articulando a garantia da reprodução do capital na atual conjuntura de flexibilização da produção, em sentido lato (da produção técnica às novas formas de relações de trabalho) e ainda, talvez muito mais discursiva que real, a chamada “justiça social”.

Embora as ênfases aparentemente tenham sido mudadas, as ações e resultados sociais dessas ações têm sido muito parecidos, ao menos nas cidades brasileiras e em especial no centro da cidade de São Paulo: manteve-se o processo de higienização social da área e a prevalência de uma classe em detrimento de outra.

## **Bibliografia**

ALVAREZ, I. A. P. **A reprodução da metrópole: o projeto eixo Tamanduatehy**, São Paulo: FFLCH, 2008. (tese de doutorado)

ALVES, G. da A. **O uso do centro da cidade de São Paulo e sua possibilidade de apropriação**, São Paulo: FFLCH, 2010, disponível em [http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/baixar/Livro\\_gloria.pdf](http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/baixar/Livro_gloria.pdf).

ARANTES, O; VAINER, C e MARICATO, E. **A cidade do pensamento único**, 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

AZEVEDO, Aroldo. "São Paulo: da vila quinhentista à metrópole regional", **Boletim Paulista de Geografia**, n. 39, São Paulo: AGB, 1961.

CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.

CAPEL, H. **El modelo Barcelona: un examen crítico**, Barcelona: Ed. del Serbal, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**. São Paulo: Brasiliense. 1989.

CORDEIRO, Helena K. **O centro da metrópole paulista, expansão recente**, São Paulo: IG/USP. 1980.

FIORAVANTI, Livia M. **Projeto SP 2040: "a cidade que queremos" é a cidade que quem quer?** in <http://www.gesp.fflch.usp.br> acessado em 02/08/2012.

GARCIA, F. E. S. **A reinvenção das Cidades para um mercado mundial**. São Paulo. FFLCH, 2001. Tese (Doutorado em Geografia (Geografia Humana)).

HARVEY, David. **Condição Pós- moderna**. São Paulo. Ed. Loyola. 1992.

— . **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. Lisboa: Bizâncio, 2011.

HUET, Bernad e outros. **Os centros das metrópoles: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI**, São Paulo: Ed. Terceiro nome/Viva o centro/Imprensa oficial do Estado, 2001.

LANGENBUCH, Juergen R. Depoimento in **Espaço e debates** , 42, São Paulo: Revista de Estudos regionais e urbanos, 2001, pp. 85-91.

LONDON.LOWER LEA VALLEY. London/Mayor, 2007 . Disponível in <http://legacy.london.gov.uk/mayor/planning/docs/lowerleavalley-pt1.pdf>.

MONGIN, Olivier. Quelle reconfiguration territoriale? Quelle reconfiguration démocratique? in **ESPRIT.Les chantiers du Grand Paris**, n. 348. Paris, out. 2008, pp 60-69.

MÜLLER, N. L. "A área central da cidade" in AZEVEDO, A. (org.). **A cidade de São Paulo**, vol.III ,São Paulo. AGB. 1958.

SÃO PAULO. Prefeitura do Municipal da cidade de São Paulo. **Lei 14.917** de 09/05/2009.

— . **SP2040** disponível in <http://sp2040.net.br/>.

SASSEN, S. **As cidades na economia mundial**, São Paulo: Nobel, 1998.

SCOTT, A. J. e outros. "Cidades-regiões globais" in **Espaço & Debates**, 41, São Paulo: NERU, 2001, pp. 11 a 25.

SMITYH, N. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à "regeneração" urbana como estratégia urbana global" in BIDOUC-ZACHARIASEN, C. (coord). **De volta à cidade**, São Paulo: Annablume, 2006, pp. 59-87.

VAZ, A. **O projeto Nova Luz e a renovação urbana da Região da Luz**. São Paulo, FFLCH, 2009. Dissertação de mestrado. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-03022010-150953/pt-br.php>.